

# NAS BANCAS



## Estudo derruba mitos sobre esquizofrênicos criminosos

RAQUEL DO CARMO SANTOS  
kel@unicamp.br

**L**evantamento feito pelo psiquiatra forense Eduardo Henrique Teixeira, com pacientes da Casa de Custódia de Franco da Rocha, em São Paulo, mostrou que a maioria dos delirantes esquizofrênicos que cometeram atos criminosos violentos não apresentou quadro intenso de ansiedade, tristeza ou raiva, no período que antecedeu a ocorrência. Teixeira constatou também que não houve registros de alterações significativas das atividades cotidianas – deixar de alimentar-se ou trabalhar, entre outras – desses pacientes em razão do transtorno psiquiátrico. Isto significa que, ao contrário do que se imagina, o comportamento emocional dos esquizofrênicos pode não oscilar quando esses praticam um crime violento.

Estes aspectos foram apontados em dissertação de mestrado apresentada por Teixeira na Faculdade de Ciências Médicas (FCM). Orientado pelo professor Paulo Dalgallarrondo, o trabalho envolveu a análise de prontuários e avaliação médica em 30 homens portadores de delírio que nunca praticaram crimes violentos e estavam internados no Hospital das Clínicas da Unicamp (HC) e no Hospital Psiquiátrico Américo Bairral, na cidade paulista de Itapira. Estes dados foram comparados às análises de outros 30 pacientes da Casa de Custódia de Franco da Rocha, todos julgados por crimes violentos, inclusive contra a família.



Foto: Antoninho Perri

O psiquiatra Eduardo Henrique Teixeira: “A recomendação é que se tenha um olhar mais atento aos pacientes com comportamentos tranquilos”

tódia de Franco da Rocha, todos julgados por crimes violentos, inclusive contra a família.

Teixeira, que é professor da PUC-Campinas, partiu da hipótese de

que haveria alguns elementos intrínsecos do delírio que difeririam os esquizofrênicos praticantes de violação penal grave daqueles que nunca haviam transgredido a lei.

Segundo o psiquiatra, a idéia seria relacionar questões como antecedentes pessoais e uso de drogas e álcool para municiar de informações os profissionais da saúde na tentativa de se evitar tragédias com prejuízos sociais. “A experiência em perícia psiquiátrica me levou a investigar o mecanismo que está por trás das práticas criminosas, uma vez que os resultados poderiam auxiliar a decisão dos colegas na conduta médica”, explica.

Um exemplo citado pelo psiquiatra seria o procedimento médico mais viável diante da situação de inquietação e ansiedade do paciente. “Em geral, é mais provável que os pacientes mais agitados sejam levados à internação. Pelo estudo, no entanto, a recomendação é que se tenha um olhar mais atento aos pacientes com comportamentos tranquilos”, esclarece.

Outra hipótese que não se confirmou no trabalho desenvolvido por Teixeira foi a relação dos atos criminosos com o uso de álcool e drogas. “Imaginava-se a associação do consumo desses produtos com a doença. Mas estes aspectos não tiveram destaque em nenhuma das avaliações realizadas”, analisa.

O psiquiatra enfatiza também que o estudo não trouxe revelações sobre violência entre os portadores do delírio, fato que já era conhecido da literatura. “Os esquizofrênicos não são mais violentos do que a população em geral. Eles não são perigosos. O risco de violência é resultado de um subgrupo específico, que foi objeto de estudo da pesquisa”, esclarece.

O delírio é caracterizado, princi-

palmente, pela crença e práticas do indivíduo fora do contexto de sua realidade, mesmo contra argumentos fortes de pessoas próximas. Surto persecutório e paranóico, por exemplo, são comuns – acreditar que os vizinhos estão o perseguindo ou os amigos estão planejando armadilhas.

Afora as diversas categorias do delírio, segundo Teixeira, algumas dimensões da doença merecem maior atenção por parte dos especialistas da área. O nível de convicção da doença por parte do indivíduo é uma dessas dimensões, ou seja, o quanto o paciente acredita na sua versão dos fatos. Este aspecto é validado a partir de análise clínica, baseada em escala de valores.

Um segundo item estudado seria o que se chama de atuação no delírio ou o quanto o indivíduo age em função dele, tal como, por exemplo, deixar de falar com alguém ou mesmo agredir terceiros. Duas dimensões tiveram alterações estatísticas significativas na pesquisa. Estas relacionadas ao afeto, sentimentos de ansiedade, raiva e outros e a inibição de ações em que a pessoa deixa de fazer as suas atividades habituais em função do delírio.

Durante quatro anos, a rotina do psiquiatra se baseou nas viagens ao município de Franco da Rocha. No local, Teixeira teve contato com histórias trágicas e pode analisar *in loco* prontuários médicos, além de efetuar avaliações. Constatou algumas limitações, entre as quais a falta de estrutura do local. “O acesso a documentos médicos e a informações foi uma das dificuldades da pesquisa”.

## Achocolatados têm ácido fólico em níveis indicados

**T**estes realizados em dez amostras de achocolatados – sete em pó e três já prontos para beber –, de seis fabricantes diferentes, constataram que a maior parte continha concentrações significativas de ácido fólico na formulação, embora a maioria não mencionasse no rótulo a presença da vitamina. Das amostras estudadas, sete não citavam o enriquecimento, sendo que o nível de ácido fólico variou de uma média de 70 a 234 microgramas por 100 gramas do produto. Das três marcas que declaravam valores de ácido fólico na embalagem, duas apresentaram concordância com os níveis de concentração indicados.

O consumo diário recomendado, por faixa etária, é o seguinte: de 1 a 3 anos de idade, 150 microgramas; de 4 a 8 anos, 200 microgramas; de 9 a 13 anos, 300; e, por fim, de 14 anos de idade até a velhice, 400 microgramas diários.

A autora da pesquisa, a engenheira de alimentos Daniela de Queiroz Pane, avalia que os resultados são positivos, pois os achocolatados são uma das principais fontes de alimentação de crianças. O fato de ingerir um copo do produto nas medidas indicadas nos rótulos pode significar que essa população estará suprindo de 20% a 30% das necessidades diárias. “É claro que esses valores dependem da marca de produto adquirida e, também, da faixa etária”, explica Daniela.

A carência da vitamina no organismo humano está relacionada a diversos problemas, entre outros, a falhas de formação do tubo neural em fetos e à anemia. Por isso, enriquecer os alimentos com a vitamina está cada vez mais em pauta, principalmente com a obrigatoriedade de conter concentrações específicas na formulação da farinha de trigo e de milho. “Para as mulheres é fundamental a ingestão do ácido fólico antes e durante a gestação, principalmente nos primeiros 28 dias”.



Foto: Érica Tavares

A engenheira de alimentos Daniela de Queiroz Pane: enriquecimento de alimentos está em pauta

O estudo, orientado pela professora Helena T. Godoy e apresentado para obtenção do título de mestre na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), teve como objetivo a validação de um método para quantificar índices de vitaminas em achocolatados. A metodologia utilizada – cromatografia líquida de alta eficiência –, que foi desenvolvida na FEA, já havia sido testada para o leite.

A proposta de utilizá-la em achocolatados aumenta as possibilidades da adequação para outros produtos. Os testes indicaram ainda falta de homogeneidade nas formulações. Segundo Daniela, os experimentos contemplaram cinco lotes diferentes de cada amostra. Apenas uma marca não apresentou diferença nos índices de vitaminas. (R.C.S.)

## Pesquisa destaca qualidade de plantações de milho ‘safrinha’

**O** milho “safrinha” já é responsável por 24% da produção da cultura no Brasil. Isto não é pouco, pois o país é o terceiro produtor mundial, atrás somente dos Estados Unidos e da China. Sua produtividade, no entanto, não é vista com bons olhos. “O ‘safrinha’ está relacionado ao baixo uso de tecnologia e, também, à baixa produtividade”, explica o engenheiro Hugo de Souza Dias, que realizou um levantamento para avaliar a qualidade de mais de cem lavouras do “safrinha”, localizadas no Médio Paranapanema, Estado de São Paulo.

O pesquisador se surpreendeu: a maioria das plantações era de boa qualidade. “É certo que a produtividade deste tipo de milho ainda é baixa, mas constatei que os itens antes considerados um problema para a lavoura foram os mais bem pontuados”.

Orientado pelo professor da Faculdade de Engenharia Agrícola Rubens Lamparelli, ele constatou melhorias nas condições de proteção do solo contra erosão, na regularidade da distribuição das plantas na linha de plantio, na otimização da colheita e no controle da infestação de ervas daninhas.

Dias esclarece que a distribuição espacial da planta é tida como um dos principais problemas da produtividade de milho “safrinha” no Brasil. Segundo o especialista, a distância entre as plantas deve ser regular, sem amontoamento e sem falhas. Pelo estudo, 85% dos talhões avaliados tinham estando dentro dos limites aceitáveis e boa distribuição das plantas.

A pesquisa classificou ainda de “boas” e “muito boas” 57% das áreas das lavouras – apenas 15% delas tiveram índices considerados ruins e/ou muito ruins. Os resultados do levantamento realizado contrariam



Avaliação no Médio Paranapanema: plantações de boa qualidade

a idéia de que o milho “safrinha” é uma lavoura na qual não se utiliza boa tecnologia.

O “safrinha” leva este nome por ter pouca produção. Enquanto o milho tradicionalmente é plantado entre setembro e novembro, e colhido entre os meses de fevereiro e março, o “safrinha” é semeado em fevereiro e março. A novidade foi introduzida no final da década de 80, quando os produtores do Paraná se viram obrigados a migrar para este tipo de cultura, por conta da falta de incentivo para o trigo.

A produção do milho “safrinha” cresceu e alcançou diversos Estados brasileiros, entre os quais Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e São Paulo. “Ainda há muito espaço para aumentar a produtividade”, destaca o engenheiro. (R.C.S.)